

CSCP 025

Meu sempre adorado amigo.

Rio, 22 de Maio de 1889

Sua esta carta cor de sangue e de supellido da minha alma
em farropos; que veja nestas linhas assem as minhas veias
e neste sangue artificial de tinta o meu sangue. Ah, para
que te farte!... Para que me abandonaste nesta Babel so-
cida de portugueses e de burros! Não imaginas, meu querido
virmos, quanta dor, nojo, tédio e aced em todos portos e em
domos, canoas, burros, infames, ladrões, assassinos, saltim-
baes, quaquama, Danços solados, Concedidos Accacis, lim-
visgo, limbo, peacucha, pize, mustures putas, vacca, frias,
ignobis, turgidas, bistradas, galeados, secundijos, sup-
Crapuloso e bestas; juiaubos, podres, caetes, politicos, me-
das, filhos da puta, amolladores em coxa, docuicos, pre-
fividos, familia de em eig. eaz, muca besta, Cavallor, ente-
pida, baronesa de Parana-pia-a-de-a, sorno; sem amigo,
gente blinnina em toda a parte, immigrantes caetes, erodi-
res, raios, peste, quoci fome, briza, guerra quoci mator-
rera pulha, fria, umbaciada, chio de polvo, sem sol, terra
humida, Catarrho, bromohite, asthmo, toxes, tudochio
de luma, deud a sociedade ali os Sapatos, enterrados, na-
da, nada digno de arte, de versos, de analyse;
tudo a perder para o espirito do século!

Eis aqui o que me mata, a mim, que sou um paotam
na verdade, ~~no~~ mas de cujo lado sou o unico benficio que se tem
do saunpos e terros de lavaua. Eu que tenho capos igno-
bis na alma, quici e toxico reflectis na consciencia, gibe um
um paul quici um vegetam, onde & vive atolado como
um touro hydrophico o meu coração de um touro
colossal e fantástico, em, ~~saun~~ lago de podridões, cuja

Vaca * Jurtacor tem reflexos de ar e aspectos da matéria, em
ação por reflexão, eu adorado Ormuz, eu abominosidade, eu
mórto, eu grito por ti, estou suffocado, sem amor, sem
ar, sem luz, não vejo, grito, estropeio e caio e rodo
e tido no estropeio por este cold de vermes!

Oh! 'Comexoffre, idolatrado, luminoso amigo. Tu,
que és um pharoz, um espada rutilante de aq. nobre,
tu, esculpido humano e vertebrado, tu, eterno votador a
vir num cegar verde de adler e bilis, tu que ricas a
opaca cor de rofei da barreira humana e a expul
tas com um por de surtos nos quizes e ob a tom
pa das labrins, tu, diabo e boe, cantas raído da criti
ca e surtos ingles de jogador de boe. Tu não vales
como a expulsa cor de ninhoos d'este asno daqui.
Oreese num lico de vomito de vinho e merda portugueza.

Esta gente consegue puster-me de vomito, errar-me
de vomito, dar-me vomito a escivar, a comer e a
beber. O. vovovov dos latrinos, o! tudo piaceabo, vinda um
feixe de vovovovos varrer esta cidade atilada de apoth
mos e rós podres.

Não continuo, amigo, estou vomitando; ahya; um
demio de acumpet.

Oh! te esqueço, entretanto, de dizer ao Barcca que não
sempre sermo um lopo na vida, que eu perdi toda a espe
rança de ser; que agora por ti lagrimas de estulto e de
olares de sof, porque tu pareceres eternamente na vida,
até o amittir, de amittir, e chateado pela barreira
e pela minha, cheio de tumores mórtoes, chupado por anucri
mos, exotado, embora de culro e o homem de conquistado
do século ~~de~~ manto luminoso e contra ordinario feito de
aros de borboleta e copurnos do mar, que é o teu
indomavel talento de ~~atletico~~ atletico gigante americano.

Pobre Barcca, sonhador robusto, que barria com a espada

O Grouwell, outro João da Boa, refacella-se na sua vulgar e minutis e libidinarias luxurias de crapula parisiense. Bebe o vinho de uva de amante, come-se^{no} jantar de choccos, pães gordos, couço temperado com hortelã, ~~toaf~~ roast-beef, caca e ancoo com petit-pois e champignon. Progredes o raposo e tan sorriso Carnívoro de lobroforte ou de ade de rapina. Calca noxa e sordida, barata e da rua do Shopping, gravata esportativa, cheia de alacridade e clarinadas de cor urrante, botas nigras Washley (botanico) rutilante punhos e collazinhos, chapéu putha, lunetos de riao-tomem e um frak desgracado, de lata ao rob, sorro despejado, em pondarecos, ruer, bilioso, unido do boni caldos da gordurosa senhora e eis o nosso amigo na actualidade. Espiritualmente, progredes muito esse amor putha e tem illuminado com reflexos de lata de Berosem e barricos de alcobô com noites de festa classica no althia. Mostrou-me versos regulares, com certo donaire, silauciosos e muito melros. Versos pinta vidros. ~~De~~ Vai' bem o Craft. (Esta noticia foi elle quem me pediu que te dissesse, porque vii de campo-te em carta ao D. Figueiredo, agradecendo o livro.)

Tenho fallado ao Medeiros e Albuquerque. Mandei-te o remorso que foi perseguido Carinamente pela policia e que fez um caso de expontar monos.

Quando me dizes em carta o que galgas da Pena, que te parece essa forma, que apesar de alguns pontos, me agrada como obra de conjun, de acandelo e de espirito, embora, muitos versos, um gajo que na verdade foi grande no outro dia, e eu já Berto e Cavallarmine te Horacio Nunes.

Leste o Dia? Vou escrever para essa redacção. Mandar-te

fui os exemplares. Continuo a beber o meu Xerez sovinto,
 cheio de magoa pela tua ausencia. Em minha casa em-
 pre se falla em ti e todos vos bem e saudosos gosam tuas
 recommendações. Talvez que um fracasso pavoroso da
 minha familia me obrigar a fugir do mundo por
 annos, mas essa desgraça não é certa. Esperemos e, enquanto
 a podridão nos atostar o organismo, utilizemo-nos mais esta
 carta que é um longo abraço estender do oceano.
 Fui a Candelaria.

Não posso, não conto o que te quero dizer. Quando aqui estiveres junto ao meu coração, embora te fallem em lá'irmos, nunca lá'fomos. Pois a Candelaria é um oppido. Eu fique aqui em troço bem claro embora sumidos a grandessa desse bello templo, que é a unica casa digna desta terra, alem da natureza.

Até aqui eu estava a alguns edificios desta Capital com
amor como o Gabinete P. de Leitura, a Misericordia, a
Imprensa Nacional, etc. Hoje o meu duplo por isso
a rupeas de cordão alvorenha e argilla e columna.

Quem viu as bellas columnas altissimas, brancas, floridas
de acantho, colunidos marmoreos duros de mais de 15 covos
que eu vi; quem como eu, ~~se~~ estatico, viu aquelles aboba-
dos encapellados de arte, o zumborio, marmoreo por dentro e por de-
fora, toda a pompa do templo christo. Numa tecto onde aparen-
tem pintura finissima, grupo, ~~de~~ alto relevo, dourado, e
duplo de declumbramento em cryptas de riquissimos cordela-
dos seculares, quem, entendendo o que dizia o marmore
suo columnas comprehendem a Grecia por um instante, em
Roma e medem a grandura da ~~sculptura~~ ^{superfice} e ventura do
tragico da impossibilidade do marmore vivo, e ninguem
o admira mais ou menos o fornido e o produzido pela
acustica de um fornido e o diapason ainda tem para o
popul, apesar de muitos honras de decorridos, todo o

Corbular effervescente e artistico do seu sangue de homem de temperamento vibratil e os Cancaes que o trabalho humano, victorioso e grande, canta do alto d'aquelles alturas quasi mythologicas, sobre os calceos dos sanctos milibocados de Catarrice e pasmaciri papal.

A Igreja da Candelaria e' um trabalho uniao em toda a America. Tã grande e tã bom e' possivel fazer e, porem melhor e' nã possivel. Ha uma enorme desconfiança de qm está fazendo esta obra patriótica e de gigante, que honra ao nosso tempo e aos nossos artistas, embora muito material venha prompto da Italia.

Tudo Nãca esplendido Cathedral e' feito e executado com o maior amor e perfeição. Não perguntam pelo tempo qm pelo operario, querem nã duvidar e talente na avaliação dos trabalhos.

Todo o madeiramento, todo o material e' de primeira qualidade. Os pedreiros de S. Paulo e nã, tem perpetuamente acabados e com tal maestria que encantam os viatos curiosos do homem que vê millos o progresso e o aperfeiçoamento da sua especie.

Digui a isto ou lo amos fideles promptos aos obros formidaveis e entã poderã ver o primeiro templo da America, tudo de Cantaria por fora e todo marmoreo no interior, com os seus dãos altissimas torres negras pelos lados beijos dos elementos e o seu simbolio ohniz, rodeado de estatuas, nã uma volta peior que se abria em derrubos delle e que merece o alabure poderã de um artista nobre e soberanamente extraordinario como tu.

Hei de mandar algunos Cancaes de etc.

Paulo de Vas.

Disse um roupinol a Patti:

-Cantermos ao desafio...

Gra o sitio um salgueiral
por onde corria um rio
como um fio de crystal.

-Cantermos, responde a Patti
E os dois, cantando a porfia,
saltaram suas canções
até que saíu o dia
com rubras scintillações.

O Roupinol da floresta,
vencido enfim, fatigado,
perdera a voz crystalina;
até que morto, gelado,
cahir aos pés de Helina.

Alberto Simões